

Poupança vira arma contra miséria

Inspiradas em modelo de sem-teto da Índia, mulheres da Ilha de Deus, Imbiribeira, uniram forças e estão depositando dinheiro em conta comunitária

Projetos de poupança comunitária utilizados na Índia por mulheres sem teto serviu de modelo para a comunidade Ilha de Deus, na Imbiribeira, Zona Sul do Recife. As indianas, que viviam nas ruas, juntaram dinheiro para comprar casa própria. Na capital pernambucana, as poupadoras querem financiar os estudos dos filhos, comprar um carro, construir mais um pavimento na casa ou colocar cerâmica no piso. Elas contam com ajuda da Organização Não-Governamental (ONG) Semear.

O primeiro passo — depois de conhecer a proposta e visitar comunidades de São Paulo onde o trabalho é realizado há mais tempo — foi abrir uma poupança no banco, em dezembro último. Cada uma deposita o quanto pode e quando tiver condições. Três tesoureiras controlam as finanças e prestam conta mensalmente. “O alcance do projeto ultrapassa a questão financeira, a comunidade está ficando mais unida. Isso é mais importante”, diz Josenilda Pedro da Silva, 35 anos.

Ela faz parte do grupo de 48 poupadores da Ilha de Deus. “Meu objetivo era ajeitar minha casa, que está rachada. Mas vou ganhar uma casa do governo do Estado, no projeto de urbanização da Ilha. Então, resolvi poupar para fazer a festa de aniversário da minha neta, que nas-

ce em abril deste ano”, revela.

Josivânia Pedro da Silva, 39, irmã de Josenilda, economiza para construir um piso sobre a casa que vai ganhar do governo, para abrigar o filho e dois netos. “Todos moram comigo e o espaço é pequeno”, declara. Aposentada, Marluce Gomes, 31, resolveu poupar para, no futuro, pagar os estudos do filho, de 9 anos.

A experiência das indianas foi levada a moradores da Ilha de Deus e Vera Cruz (Camarajibe) pela Semear, parceira da ONG Interação, que desenvolve trabalho de organização comunitária em São Paulo. “A Interação trouxe para o Brasil conceitos aplicados pela Slum Dwellers International (SDI), uma associação internacional de moradores de favelas”, afirmam Lúcia Siqueira e Maria de Jesus Diniz, que prestam assessoria às comunidades pela Semear.

Além da poupança (com uso individual ou coletivo), o projeto tem mais duas pernas: cadastramento feito por moradores, que servirá de ferramenta de negociação com o poder público, e intercâmbio entre comunidades. “O objetivo é fomentar a autoho-

mia dos grupos”, diz a arquiteta Lúcia Siqueira. No auto cadastramento constam informações básicas do lugar e outras de interesse dos moradores.

“Se a comunidade negocia a construção de casas e leva o cadastro pronto, pode barganhar outras conquistas. O dinheiro economizado com o cadastro pode ser usado na construção de mais um quarto no imóvel”, exemplifica Maria de Jesus. “A poupança comunitária pode ser usada para dividir com o poder público a construção de casas”, sugere Lúcia Siqueira.

Por enquanto, nenhuma comunidade iniciou o projeto do auto cadastramento. A Ilha

de Deus, uma Zona Especial de Interesse Social (Zeis) onde vivem quase duas mil pessoas, mostrou interesse. No ano passado, Maria de Fátima da Silva, 33, uma das tesoureiras do grupo, visitou favelas de São Paulo, para troca de experiências. “Fui em Cuba-tão para contar a história da Ilha e vi que as dificuldades que eles enfrentam são iguais às nossas”, diz. Os intercâmbios são financiados pelo Fundo Internacional para a Pobreza Urbana, do SDI.

Com ajuda de ONG, poupadoras querem mudar a vida dos filhos



PROJETOS Mulheres estão poupando para financiar estudos dos filhos, comprar carro ou reformar a